

Adolph Moscow

OS RAPAZES DE BARROWBY

OS RAPAZES DE BARROWBY

Crónica humorística por Adolph Moscow

1903

Capítulo I

A VILA E A ESCOLA DE BARROWBY

Ao escrever esta crónica verídica, luto, principalmente, com a grande desvantagem de me ser totalmente impossível apontar a localidade da célebre aldeia de Barrowby e, conseqüentemente, do velho colégio aí existente há poucos anos; farei todavia o melhor que puder no que diz respeito a esta história.

Com a louvável intenção de me informar no tocante à posição geográfica da citada povoação, tinha consultado atlas, cartas e toda a espécie de literatura que pudesse deitar luz sobre o assunto em questão. Mas debalde, depois de uma busca de seis semanas, na qual gastei o dinheiro e uma boa parte da vista (pois lia até alta noite), decidi-me a largar esta averiguação estafadora e, geralmente, inútil. Vendi, portanto, os livros e canhenhos pela décima quinta parte do que dera por eles, resolvido a perder o conhecimento da localidade de Barrowby antes que a vista ou o dinheiro, mandei a questão, que tanto me atormentara, a todos os diabos do Averno virgiliano, e deitei-me a escrever esta interessante história com o ardor dum guerreiro, a veracidade dum historiador, a determinação dum burro, e a sandice do mesmo animal, ou dum poeta da moderna escola, que são afinal bestas tão semelhantes que é praticamente impossível fazer distinção entre elas. Peço perdão ao asno por esta comparação, para ele pouco lisonjeira.

Quando bem reflecto sobre o caso, chego à conclusão que, afinal, todo o meu trabalho foi vão, pois que nem o local, nem o país onde estivera ou está a referida aldeia, actuaram, ou poderiam actuar sobre o curso desta extraordinária

narração. É para mim perfeitamente igual se a povoação de Barrowby se tivesse achado situada na Europa, ou na Ásia, ou na África, ou na América, ou na Oceânia, ou nas profundidades caóticas do inferno dantesco. Quer tivesse a aldeia de Barrowby a sua obscura situação em qualquer dos pólos, quer sobre a linha equatorial, quer sobre qualquer dos trópicos, quer na atmosfera escassa das regiões selenocêntricas (!!!), a crónica a mesma permanecerá e como me foi dita eu a escreverei.

Contudo, se os senhores geógrafos se esqueceram de mostrar à posteridade a exacta localidade de Barrowby, os topógrafos, mais amantes da perpetuação da fama do soberbo panorama que (diziam eles) apresentavam as esbeltas colinas e verdejantes prados que ornamentavam, realçando o efeito cénico, a casaria branca da aldeia inglesa, não se esqueceram de descrever minuciosamente a aldeia e os seus cativantes arrabaldes. Resta porém saber quem foram os amáveis descritores da Natureza que se dedicaram de tão boa vontade à inspecção cuidadosa dos encantos naturais de Barrowby. Afirmam até algumas pessoas impertinentes que será deveras difícil encontrar os citados topógrafos pela simples razão de nunca terem existido. Mas eu ponho de parte este cepticismo repugnante com o desprezo que lhe é devido, pois que tudo isto relativo à descrição topográfica da povoação e arredores me foi comunicado por pessoas de cuja integridade seria afrontoso duvidar e (entre nós) cujo único mal é nunca terem vindo ao mundo. Seja como for, pensem os leitores como quiserem pensar, a aldeia de Barrowby existirá, pelo menos, nesta crónica, e, conquanto não queira cansar os meus estimáveis leitores, devo dar-lhes a correr uma pequena ideia do lugar onde se vão desenrolar as cenas desta variegada crónica. Suponhamos, todavia, que a aldeia de Barrowby se encontrava a duas léguas dum porto, perto de Brighton em Inglaterra, e ao qual chamaremos Lynmouth. Passemos à descrição de Barrowby.

Entre duas colinas, subdivididas em mais de oito colinas pequenas ou simples montões, estava a povoação de que estamos a falar. As colinas pequenas (ou montões grandes) eram regulares e nada escabrosas, com a excepção duma chamada a Ribanceira do Pinhal, pela razão de ter em tempos havido um pinhal na mais regular das suas rasgadas encostas. Esta colina, a que mais direito tinha a ser considerada como uma colina especial ou separada, era tão íngreme e rasgada que ninguém conseguira (até ao momento em que começa a minha história) preparar até ao cume, apesar de bastantes terem feito atentados.

O plano que acompanha estas linhas mostra melhor a posição da vila, colégio

e tudo mais de interesse nesta história. No lugar marcado N, sobre o rio, estava a vila, o colégio de Barrowby no extremo O e um outro colégio superior em P. Em Q era a casa dum oficial reformado — o Almirante Saca-Rolhas e em R era a casa de Sir Rogério Cabaça, uma pessoa importantíssima, mas por que razão ninguém sabia. De qualquer outro lugar se falará no curso da história. Por agora bastam os que se vêem no plano.

A vila, ou aldeia, de Barrowby era como quase todas as aldeias pequenas, muito branca, muito quieta e bastante pitoresca. Como é do Colégio que nos vamos ocupar, trataremos de o descrever em primeiro lugar.

Contando, naquela data, trinta anos de construído, tinha passado pelas mãos de nada menos de cinco administradores. Erigido no local de um velho convento, havia ainda por baixo do colégio umas celas subterrâneas e uns claustros escuríssimos e duma antiguidade insondável que contrastavam flagrantemente com a estrutura modernizada do colégio.

O colégio continha, em primeiro lugar, a casa do administrador, o Reverendo Doutor Sabido, um homem inteligentíssimo, formado em Literatura e Teologia; da sua mulher, uma senhora de cara cadavérica, de corpo cadavérico, e cuja presença e conversação punham um ar cadavérico à mais brilhante e alegre das pessoas; e de suas duas filhas que herdavam da mãe a fealdade de cara e corpo e o tal ar de mortas-vivas, e do pai a jactância e pompa, mas não a sabedoria e delicadeza, qualidades quase inatas no Reverendo Doutor, que se prezava de já saber ler antes de ter nascido. Eu não quero duvidar da palavra do Doutor Sabido, mas isto parece um fenómeno fora do poder da ciência moderna: seja como for, aí fica o dito; os leitores que pensem dele o que quiserem .

A casa do Administrador Reverendo Doutor Sabido era ligada ao colégio próprio por um corredor no rés-de-chão que ia dar direito à aula principal, ou antes, maior. O colégio próprio continha no rés-do-chão mais umas poucas de aulas, um ginásio, um laboratório, um quarto para leituras de física, e outras divisões necessárias.

O primeiro andar tinha os três dormitórios, que eram só para os rapazes mais pequenos, e outros quartos separados, habitados cada um por dois ou três rapazes grandes; havia também no fim uns quartos de criados e outras divisões precisas. No segundo andar havia os quartos de cama e saletas dos professores restantes e a casa de jantar de todos do colégio, com excepção, já se vê, dos criados. Acima de tudo havia um observatório astronómico, onde os professores passavam as noites às vezes absortos na contemplação dos astros nocturnos. O terreno do colégio, mesmo excluindo o grande jardim do Doutor (que era o

nome pelo qual era conhecido o Administrador), era enorme comparado com os pátios dos colégios urbanos.

Aí fica a descrição do Colégio de Barrowby. Voltemos agora à nossa história.

Capítulo II

OS RECÉM-CHEGADOS

Era um dia quente no princípio de Agosto; abria, depois do costumado mês de férias, o Colégio de Barrowby, que, digamo-lo aqui, era só para internos.

Só no dia seguinte é que a escola abria realmente, pois que o dia de que falo era aquele em que deviam chegar todos os rapazes.

Defronte da grande porta do Colégio estavam agrupados três rapazes alegres e saudáveis, discutindo vivamente e contando uns aos outros as peripécias que tinham feito nas férias. Descrevamo-los.

O primeiro, o mais alto de todos, era um rapaz de quinze anos e meio, crescido para a sua idade, e a frescura e vermelhidão sadia de cujo rosto o proclamavam como criado nos campos. Tinha ele o carácter dum verdadeiro rapaz inglês; qualquer hábil discípulo de Lavater poder-lhe-ia ler na cara coragem e travessura, nos olhos azuis franqueza e, se fosse discípulo de Kisch (1) (1), a força de carácter e de vontade e aquela determinação característica dos ingleses no cabelo louro. Chamava-se Henry Ford e era filho de um titular, magnate provincial que, quando não estava na House of Lords (Câmara inglesa dos Pares), andava caçando a raposa. É verdade que Henry Ford era o nome do rapaz, mas ninguém, com excepção dos mestres, o tratava por Ford; chamavam-lhe Mel, por ele ser muito amigo de doces e artigos de confeitaria.

O segundo rapaz era chinês e tinha só doze anos. A sua cara era mais bonita e fina que geralmente são as fisionomias dos filhos do Império Oriental. Chamava-se Lung-Hi e era filho de um mandarim que o mandava à escola na Europa pois que o destinava à representação do seu país na Inglaterra. Este pequeno era o mais baixo de todos, mas era o mais vivo e mais travesso do bando ali reunido. Nos colégios ingleses nobreza é posta à parte (2) e tratavam-no os professores pelo seu nome simplesmente, e os rapazes por Lung só.

O terceiro rapaz era mais baixo que o primeiro, mas mais alto que o príncipe china, pois que este era o verdadeiro título do Oriental. Tinha cabelo louro quase castanho e a sua fisionomia exprimia mais travessura mas era menos

aberta que a do Mel. Chamava-se este Godfrey Slater, mas tinha a alcunha de Gyp, abreviatura de *gypsy* (cigano), porque ele se entendia muito bem com ciganos.

Acabava de chegar o príncipe e apertava alegremente as mãos aos companheiros.

«Então», disse ele, «há rapazes novos?»

«Aí estão três», respondeu Gyp; «um tem cara de burro, outro nariz de cegonha e o terceiro boca de tubarão podre.»

«Assim não se faz ideia nenhuma deles», disse Lung-Hi.

«Mas faz-se vendo-os», replicou Mel, «e aí vêm eles todos.»

Três rapazes, olhando para tudo ares de pessoas com que ali estão pela primeira vez, pararam à porta. O primeiro, que fora descrito por Gyp como «nariz de cegonha», era um judeu e trazia três anéis de ouro falso com brilhantes falsos, um alfinete de gravata de latão pintado de amarelo com um vidro verde a imitar uma esmeralda, e um relógio e corrente de prata falsa. Chamava-se esta prenda Zacarias Phumtumpum. Os outros dois rapazes eram tipos muito comuns para precisar descrição; chamava-se, o maior, Long; e o mais pequeno, Poll. Todos estes três olharam para Lung, Mel e Gyp.

«Ih! Nariz de proa de galera romana, para quem estás tu a olhar assim?», disse para o judeu o nosso amigo Gyp, que tinha uma língua muito severa que, como sabia jogar bem o soco (3), ele usava indiscriminadamente.

«Eu não quero fazer mal», respondeu assustado Zacarias.

«Então tira a tua cara daqui, que ela era capaz de assustar um rinoceronte, quanto mais um *gentleman* inglês», retorquiu Gyp com o sobrecenho carregado.

«Eu só queria perguntar o caminho p-p-para o d-d-dormitório», disse tremendo o judeu

«Ah! Eh! Ih! Oh! Uh!», foi a resposta de Gyp, que tirou da algibeira um caderno e um lápis e se deu um ar importante; «eu sou uma pessoa importante aqui no colégio e quero saber que diabo queres ir fazer lá acima ao dormitório.» Gyp fez uma cara severa e pareceu disposto a escrever. Parecia assim um polícia tomando notas.

«Eu t-t-t p-p-p r-r-r a-a-a— e-e», explicou Zacarias aterrorizado.

«Entendeste?», perguntou Mel, rindo a bandeiras despregadas.

«Explica-te», berrou Gyp para o judeu. Como este não se explicou, Gyp deu-lhe um murro no nariz e disse-lhe com um ar importante que por esta vez o deixaria ir livre de castigo, pois que era um rapaz novo. O judeu muito contente desapareceu com os companheiros.

«Que chamas a estes?», perguntou Gyp aos companheiros.

«Bestinhas», respondeu Mel com um gesto de desdém.

«Criancinhas», foi a explicação do china que, fiel ao recreio do seu país, foi brincar com um papagaio (de papel, não o pássaro).

Neste momento chegou outro rapaz ao qual os outros chamaram Don. Tinha cabelo escuro e era pela altura de Gyp. O seu verdadeiro nome era Donald Dowson, e Don era abreviatura do seu primeiro nome. Vinha com um irmão gémeo chamado Ricardo, e, familiarmente, Dick.

Os colégios ingleses são divididos em casas unidas por um corredor. No Colégio de Barrowby havia duas, presididas cada uma por um professor. «Don» Dowson pertencia à casa maior, do Senhor Pedra, e o seu gémeo à casa mais pequena — a do Senhor Silva. Don Dowson, Mel, Gyp e o China habitavam um quarto separado (um daqueles a que acima me referi).

Don estava conversando com Mel e Gyp quando entrou no terreno pela cancela um rapaz um pouco alto (mas não tão alto como Mel), muito magro e com uma cara muito esquisita e ainda mais cadavérica que a da senhora do Doutor e das suas filhas. Chegou este recém-chegado ao pé da porta e perguntou, dirigindo-se a Gyp com um desembaraço admirável, onde era a casa do administrador.

«Procura tu, cara de garrafa partida», disse zangado Gyp.

«Agradecido, olhos de janela», respondeu o recém-vindo sem se agitar, referindo-se aos óculos de Gyp. Ia entrando, quando Gyp o parou.

«Olha cá», retorquiu Gyp, tirando os óculos para brigar, e chegando a sua cara ao pé da do rapaz novo, de maneira que havia só a distância de dois centímetros entre o seu nariz e o do magrizona, «nós não queremos um pedaço de tripa podre neste colégio. Ouves?»

«Tendo ouvidos, é natural. . . E, ouve cá; se não querem aqui um pedaço de tripa, por que é que te não vais embora?»

Mel e Don sorriram; em batalha de espírito vencera facilmente o recém-vindo, cujo nome era Ralph Tig. Vendo que assim nada ganhava, Gyp perguntou a Tig se queria brigar ao soco com ele.

«Com muito prazer», disse Tig tão calmamente que Gyp, que esperara medo, ficou um tanto confuso.

«Agarra aqui no meu chapéu, Mel», pediu Gyp: «vou-lhe ensinar a não ser atrevido.»

Gyp atirou-se a Tig, e atirou-lhe um murro à cabeça. Tig esquivou-se rapidamente para o lado, e a mão fechada de Gyp deu de encontro à parede com

tal força que pareceu ao infeliz dador do soco que se lhe partiam as falanges de todos os dedos. Tig aproveitou a consternação do seu adversário e deu-lhe um soco no nariz que fez as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Mel e Don, que tinham Gyp como pugilista insigne, ficaram embasbacados. Gyp, enfurecido pela desfeita e pela dor, avançou para Tig e quis bater-lhe no estômago com a mão esquerda, pois que a direita doía-lhe muito. Mas Tig saltou para trás e o murro valente de Gyp perdeu-se no ar. O ímpeto causado pelo soco na atmosfera fez Gyp avançar, sem se poder parar, até ao pé do seu antagonista. Com a rapidez dum relâmpago, este deu-lhe um murro no olho esquerdo e depois um no direito, e, quando Gyp, cegado pelas pancadas, ousou levantar a cabeça, fê-lo trincar a língua com um soco nos queixos. Para evitar mais pancadas enquanto não pudesse ver bem, Gyp saltou para trás, mas até nisto foi infeliz. Os seus pés caíram sobre uma casca de banana que ali fora deixada por algum rapaz. Os pés levantaram-se-lhe do chão com uma velocidade espantosa e, batendo na barriga de Mel que estava atrás, fizeram-no cair por baixo de Gyp, que, infelizmente, lhe caiu sentado sobre a sua boca. Don, que se tinha posto a uma distancia respeitável, ria sem parar.

(Ilustrações no Próximo N.º). (Continua)

(1) Fisionomista inglês: descobriu que a coragem, a pujança e a força de carácter pertencem geralmente aos louros e aos de cabelo claro; e que os de cabelo escuro formam a maior parte dos autores, pensadores e malandros no que respeita a arte e não força bruta. Viveu em 1821-1843. Célebre fisionomista inglês. Elevou a fisionomia a uma ciência e deu-lhe um tal grau de perfeição que nunca errava o carácter duma pessoa.

(2) Uma anedota antiga ilustra isto. No reinado de Carlos II, visitou este monarca o colégio de Eton. Mal entrou ergeu-se toda a gente, incluindo o Professor, que era um homem de espírito, o Doutor Busby. Conservou este porém o chapéu na cabeça. Julgando o rei que isto era esquecimento perguntou-lhe por que não se descobria. «Real Senhor», respondeu Busby, «não tiro o chapéu porque me não faz conta que os meus alunos pensem que há alguém maior que eu!» (Histórico.)

(3) Único meio de luta entre rapazes ingleses. Brigar de outro modo numa luta é ser chamado cobarde.

Ficção e Teatro. Fernando Pessoa. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Mem Martins: Europa-América, 1986: 18.

1ª publ. in **Persona** , nº9. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, Out. 1983